



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XVII • Nº 40 • 2015



MUSEU EM DISCUSSÃO

páginas 4 a 6

editorial

A instituição museu tornou-se, nos tempos atuais, um centro de difusão cultural de transcendente importância. Ele atua junto a aglomerados humanos de formação mediana, quando não elevada, sendo em consequência de real possibilidade multiplicadora. Seu potencial educativo é incontestável. Não é por outra razão que vai se impondo universalmente como instrumento civilizatório cada vez mais considerado. Acompanhando a evolução da modernidade do mundo, passou a conviver além do mais com a alta política. Não aquela que diz respeito à disputa por poder no comando da sociedade, mas a que trabalha para a orientação dos povos na sua marcha em direção a seus destinos mais convenientes e mais dignos.

Os museus já superaram a fase em que eram julgados apenas em função da sua mostra de longa duração, seu lado tradicionalmente admitido como totalidade pelo público que os visita, devido a sua presença objetiva. Isso começa a ficar distante. As unidades que alcançaram nível superior de desenvolvimento são complementadas com atividades de toda ordem, envolvendo exposições temporárias, programas educativos permanentes ou circunstanciais, desdobramentos de sua temática através de conferências ou seminários, artigos difundidos em publicações próprias ou não.

Como devem ser entendidos como agentes de vanguarda para o aperfeiçoamento humano e o viver em sociedade, essas casas especializadas não só podem como precisam – como têm obrigação de – abrir ao máximo o seu campo de atuação, mesmo quando aparentam extrapolar seus limites mais reconhecíveis, para manter fidelidade a sua destinação maior, de elevado sentido. A ciência museológica, se não ultrapassar o limite vulgar de compreensão do seu objetivo, ficando limitada ao exame da expografia de peças num ambiente de visita, não será capaz de entender a completa grandeza da realidade do todo, que está exigindo dela amplitude de compreensão.

Capa:

BRASÃO DE ARMAS DE PORTUGAL

SEGUNDA METADE DO SÉC. XVIII.

FOTO: ALDO ARAÚJO

isto é inconfidência

ANO XVII • Nº 40 • 2015

ISSN 2177-0212

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Carlos Roberto Brandão

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

IBRAM - MinC - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

trimestral

Projeto Gráfico:

Laís Freire dos Reis

Editor:

Rui Mourão



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

O alferes de cavalaria Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746-1792), mártir da Conspiração de Vila Rica, tem destaque na Sala da Inconfidência. Entre as relíquias estão sua sentença condenatória, peças da trave da forca de seu suplício, documentos assinados, livro pessoal das leis constitutivas dos Estados Unidos e um relógio de bolso. Este objeto estava com o inconfidente ao ser preso no Rio de Janeiro em 10 de maio de 1789. Sua autenticidade é comprovada no auto de sequestro dos Autos da Devassa, onde foi inventariado.

A constatação de que o relógio realmente pertenceu a Tiradentes se dá pelo cuidado que o relojoeiro Manoel José Bessa teve ao examinar o acessório. Seis meses após a detenção de Tiradentes, o especialista certificou, mediante juramento, ter avaliado um relógio inglês “com duas caixas de prata, uma de tartaruga, e mostrador de esmalte deconstructo (sic) S. Elliot de nº 5.503, com uma liga azul com três fivelinhas de prata com suas pedras de massa no valor tudo de doze mil e oitocentos réis”.

O documento de arrematação, assinado por Bessa por ordem do desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, cita ainda que o relógio foi recebido como sendo pertencente ao alferes da cavalaria de Minas, Joaquim José da Silva Xavier. A transcrição está presente no sexto volume de livros de documentação processual relativos à Inconfidência Mineira, e as inscrições observadas pelo relojoeiro estão, de fato, presentes no relógio hoje exposto em Ouro Preto – o fabricante, S. Elliot, o local, “London”, e o número 5503.

LEILÃO – O relógio, da segunda metade do século XVIII, feito em prata fundida e modelada, foi arrematado por José Mariano de Azevedo Coutinho, no valor de treze mil e quatrocentos réis. Esteve em mãos de particulares e teve, como último proprietário, o Sanatório Santa Clara, então situado em Campos do Jordão, SP. As fundadoras Georgina e Luísa de Souza Lopes, filhas do dr. João Batista Lopes, então embaixador do Brasil na França e bisnetas do Barão de Mauá, receberam o acessório por doação do sr. Saturnino de Mattos, como refere uma carta datada em Paris, a 3 de maio de 1926.

No ano de 1953, o relógio foi comprado pelo então governador do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira, e por ele doado ao Museu da Inconfidência, no mesmo ano. O Setor de Documentação Museológica da Seção de Preservação, Documentação e Pesquisa possui cópias xerográficas de vários documentos, parcialmente transcritos e analisados, confirmando a autenticidade do objeto, incluindo um parecer do historiador Francisco Marques dos Santos, do IPHAN, datado no Rio de Janeiro, aos 23 de abril de 1953.

CLÁUDIA REGINA KLOCK

ASSESSORA DE IMPRENSA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

O RELÓGIO DE TIRADENTES



FOTOS: ALDO ARAUJO



Criado o Museu da Inconfidência por decreto de 1938 com o objetivo de estudar, pesquisar e difundir o que se relacionasse com a conspiração de Vila Rica, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional encarregado da sua implantação, não encontrando número suficiente de objetos relacionados com o movimento, montou uma exposição um tanto superficial sobre Minas Gerais. Em tais condições, a instituição criada não pôde se converter num complemento do Panteão dos Inconfidentes, montado dois anos antes, como visivelmente era a intenção do legislador: O arranjo de um único ambiente que correspondia àquele propósito, denominado Sala das Relíquias, pouco significou. Atravessamos meio século e o que não se viu foi o que o legislador pretendeu que fosse criado. Quando nos aplicamos a tentar resolver o assunto chegamos à conclusão, mesmo com a carência de testemunhos mais estritamente museológicos, seria possível retratar objetivamente o movimento político de 1789, se ele fosse estudado à luz das condições que de fato determinaram a sua origem, o quadro econômico, social e político de Vila Rica. Atendida tal prerrogativa, ninguém poderá contestar que chegamos a ver surgir efetivamente um Museu da Inconfidência.

Numa tese acadêmica intitulada *Lendo o Museu: relações entre a expografia e a historiografia no Museu da Inconfidência*, que tem muito a ser elogiada pelo esforço que realiza no sentido de explicitar a fenomenologia da linguagem expositiva, o historiador Rafael da Silva Alves, do princípio ao fim do seu trabalho, acusa agora a nossa instituição de estreitar seu foco, não se desdobrando na caracterização da ampla realidade estadual. Alega, por exemplo, um elemento constitutivo da nação como o negro, que nos deu rica contribuição cultural, é mostrado apenas através do sacrifício que lhe foi imposto pela mineração. Que estaria pretendendo o estudioso? Que o Museu retomasse a linha da exposição anterior? É sintomático o fato de, nas "Considerações Finais" do estudo, mesmo levantando objeções dessa natureza, ele afirmar que o Museu da Inconfidência "apresenta uma narrativa histórica de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX", quando a nossa intenção, para ficar fiel ao tema que precisava ser recuperado, foi deixar em suspenso a realidade estadual e procurar nos concentrar no estudo da antiga Ouro Preto. Em nosso entender, só ela pode explicar os fatos históricos acontecidos.

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA EM DISCUSSÃO

Na reforma o Panteão, devido à compreensão do seu significado simbólico, viu-se integralmente preservado. Getúlio Vargas, ao repatriar os inconfidentes pericidos no degredo da África e construir um monumento que os homenageasse, no momento em que se preparava para instituir o governo forte do Estado Novo, não estava apenas em busca de apoio para estabelecer um vínculo de comunicação com a pátria brasileira. Naquela quadra de grande transformação política em que se procurava consolidar a República, quando ocorriam os primeiros abalos do predomínio do coronelismo, as áreas urbanas começavam a ter corpo e presença, a Semana de Arte de 22 em São Paulo incorporando a modernidade do segundo pós-guerra que agitava a Europa promovia em profundidade nossa reformulação cultural, o Brasil ao eleger os seus mitos, avançava os primeiros passos para a construção da identidade nacional. A instituição do Panteão e do Museu com o propósito de cultuar a Inconfidência, tinha como finalidade contribuir para a maior integração de uma massa humana que, não querendo ser apenas um agrupamento de pessoas, precisava ser imantada pelas tradições de um passado comum.

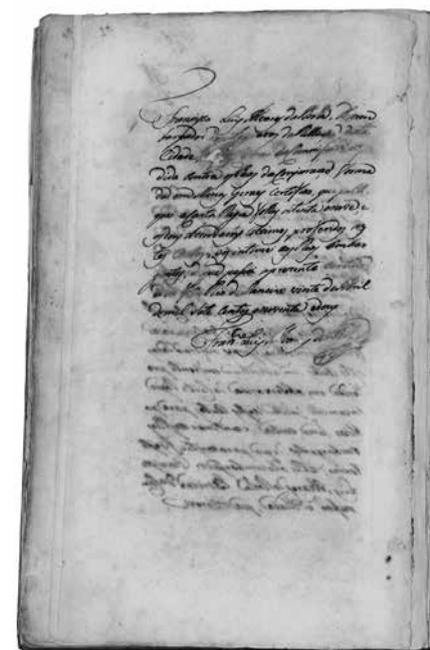
Com a multiplicação das pesquisas sobre a conspiração, a biografia dos participantes tornada cada vez mais conhecida fez surgir certa área de dificuldade para o julgamento do que se passou em Vila Rica, principalmente junto às camadas de formação mediana. É certo que entre os inconfidentes havia homens de negócio interessados apenas em se proteger no momento em que a administração portuguesa os apertava com cobranças de dívidas. Podia-se entre eles identificar aventureiro de passado até criminoso. Certos latifundiários conviviam com um quase completo analfabetismo. Pelo menos um dos nomes mais venerados, pela sua extremada paixão pela nobreza, ao ser chamado a depor diante do tribunal, se mostrara indeciso ao ter que tomar posição contra a realeza que no fundo idolatrava. Tudo isso constitui evidência impossível de ser contestada, mas ninguém poderá negar que na vanguarda da conspiração existiam figuras honestas, tocadas pelo idealismo, de formação acadêmica ou não, perfeitamente informadas sobre as ideias que à época estavam transformando o mundo. Evidentemente, nin-



BANCO DE CANTO E MESAS QUE PERTENCERAM A RODRIGUES DE MACEDO.



BALANÇA PARA OURO E MEDIDORES DE OURO EM PO.



SENTENÇA CONDENATÓRIA DE TIRADENTES - AUTÓGRAFO



FOTOS ALDO ARAÚJO

AM À RESIDÊNCIA DO CONTRATADOR JOÃO



SÉC. XVIII



S CRIMES, VOLUME 7

guém discutirá que esses últimos é que definiram para a história o sentido e a importância do episódio que acabou sendo mais significativo para o país do que aquele que de fato deu origem à independência. Ele foi a manifestação de um povo que desejava se separar de Portugal, enquanto a instituição do Império não passou de um ato diplomático de continuidade do poder da família dos Bragança sobre nós, conseguido com a interferência da Inglaterra, que inclusive nos financiou, através do Banco Rotschild, para o pagamento de uma indenização à metrópole.

A Inconfidência não possuiu um chefe, uma personalidade que, se afirmando sobre as demais, estabelecesse ao menos uma linha de coordenação, para prevenir contra excessos, desvios – enfim, para preservar o caráter sigiloso da conspiração que, segundo tudo estava a indicar, pretendia se manter como articulação secreta até que surgisse o momento conveniente para se apresentar como surpresa. Ficou para sempre ignorada mesmo a origem das confabulações. De quem partiu a ideia? Quem tomou a iniciativa de articular as pessoas? Essa situação é que explica o comportamento livre de Tiradentes que, sendo alguém voltado para o mundo das realizações práticas, talvez descontente com a inação de intelectuais e homens de negócios, em sua opinião armados de um excesso de cautela, precipitado e afoitamente resolveu partir para a objetividade de um proselitismo audacioso. Ele se destacou dentro do grupo quando a justiça de D. Maria I o escolheu como o único que deveria passar pelo enforcamento e ter o seu corpo esquartejado. Foi a morte que o consagrou.

Formou-se entre nós opinião generalizada, inspirada por um sentimentalismo barato – que teve apoio até de sub-historiadores –, segundo a qual o tratamento diferenciado que se deu a Tiradentes se explicava por uma suposta condição inferior. Tratava-se de simples alferes de parca formação intelectual, a quem era negada promoção. O mais pobre, o mais desvalido socialmente. Estudos recentes vieram demonstrar que Joaquim José da Silva Xavier, embora órfão de pai e mãe, além de ter possuído excelente tradição familiar, morreu como homem de invejáveis recursos. Seu pai, dono de fazenda que trabalhava com cinquenta e cinco escravos e possuía cinco minas de ouro produtivas, tivera importância social na região do Rio das Mortes. Foi adotado aos sete anos pelo tio e padrinho, que o encaminhou para o ofício de dentista. Sem vocação religiosa, não frequentara curso superior, como os irmãos que se tornaram padres, única possibilidade no Brasil da época. Recebeu influência de um primo mais ou menos de sua idade, frei José Mariano da Conceição Velloso, um dos nossos mais conceituados botânicos, que publicou tratado de vinte e um volumes sobre a flora fluminense, organizou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e ensinou-lhe as virtudes das plantas medicinais, habilitando-o para o exercício da medicina prática, que também o consagrou. Tornado minerador de grande vulto na região da Mantiqueira, antes da conspiração Tiradentes era detentor de grandes posses. Os autos de sequestro de bens vieram demonstrar, seus recursos já correspondiam a oito vezes o de Tomás Antônio Gonzaga, ouvidor de Vila Rica, e a duas vezes o de seu comandante, coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, filho natural do 2º Conde de Bobadela que fora governador de Minas Gerais, membro de uma das famílias mais poderosas da colônia. Também não se ignora que tratava-se de pessoa de grande sagacidade, operoso e capaz. Além de ter realizado levantamentos de verdadeiro engenheiro na região da Mantiqueira, pesquisando inclusive a possível existência de jazidas de ouro, planejou uma variante do Caminho Novo para encurtar seu trajeto por incumbência do governo de Luis da Cunha Meneses, realizou projetos de captação de água, construção de moinho e trapiche para o Rio de Janeiro. Esse conhecimento da pessoa que com o tempo foi se consolidando acabou por comprovar que a sua presença dentro do grupo não representava nenhum demérito, pelo contrário, integrava apenas com alguma deficiência a camada dos bem dotados. A versão pejorativa a seu respeito, tão explorada pelos que desejavam fazer história exclusivamente com a leitura dos Autos de Devassa, decorria da má interpretação de pronunciamentos de companheiros que, ressentidos por se verem expostos pela ação revolucionária de quem desejava arregimentar adeptos através de um escancarado proselitismo, passaram a retratá-lo restritivamente, por ter se tornado alvo da indignação de muitos. Aqueles faiscadores de história não chegaram a compreender que dentro de um processo judicial, os depoentes estão sempre faltando com a verdade, torcendo os fatos, procurando por todas as maneiras se defender. Tiradentes se consagraria como verdadeiro herói exatamente por não fazer esse jogo diante dos juizes. Por assumir inteiramente a culpa, inocentando os companheiros e afirmando ter sido o único responsável por tudo.

Para Rafael Alves, a apresentação das traves da forca simulando a caminhada de Cristo em seu martírio se relaciona com as primeiras caracterizações de Tiradentes, que apelavam para sentimentos de piedade. A cena montada na exposição, entretanto, tem significação mais complexa, de sentido crítico e histórico. O escritor Joaquim Norberto de Souza e Silva, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, partidário da monarquia e amigo de Pedro II foi quem pela primeira vez relacionou o mártir da Inconfidência com a figura de um santarrão daqueles que, à semelhança de Antônio

Conselheiro, peregrinavam à época pelos sertões. Desejando fazer a defesa do Império, no livro *A Conjuração Mineira*, o autor procurou ridicularizar Joaquim da Silva Xavier; descrevendo-o como possuidor de grande cabeleira que se espalhava pelas costas, longa barba a cobrir o peito, apresentando-se dentro de bata que se estendia até os pés. Num país religioso como o nosso, o resultado não poderia ser outro. A crítica foi tomada em sentido contrário. A população nacional abraçou aquela imagem e a consagrou como definitiva. A apresentação das traves da força no Museu, em decorrência disso, constituiu no meu entender um grande achado. Explorando o suporte de cimento, que imita o corpo de uma pessoa, sugere os dois madeiros cruzando sobre o ombro do condenado, fazendo superposição com o sacrifício maior da cristandade, a chegada de Jesus para sua consagração no Monte Calvário.

A tese ora sendo conhecida procurou por todos os meios se contrapor à decisão que tomamos de transformar o Museu, em seu conjunto, num grande Panteão da Inconfidência, quer dizer; naquilo que norteou a sua criação, através do decreto de Getúlio Vargas. Partir para tentar destruí-lo com base em avaliações de estudiosos que até hoje não chegaram a modificar substancialmente o panorama do movimento político da Inconfidência – muito ao contrário só o têm fortalecido –, nos parece um desserviço à causa do país. Nossa intenção, não há dúvida, foi contribuir para estimular o orgulho nacional de um povo carente de episódios históricos que reforcem a sua identidade. A compreensão mais atual da personalidade de Tiradentes trabalha a seu favor e a argumentação daqueles que desejam desfavorecer a Inconfidência com a lembrança de movimentos semelhantes mais ou menos contemporâneos, não chega a convencer; parece mais resultado de disputas regionais. Nenhum outro estado teve condições reais de confrontação com a metrópole. Minas é que pôde agir em consonância com a evolução político-social do mundo da época e contou com a riqueza do ouro como elemento que vinha sendo decisivo para as condições econômicas de Portugal.

O Museu da Inconfidência reformado não ficou refém de um discurso sentimental cristalizado dos anos 30 ou 40 do século XX, como se afirma nas conclusões da tese. Ao criar a Sala da Mineração para contextualizar o movimento político, ficou afastada a mentalidade fascista que inspirou a messiânica segregação dos in-

confidentes no espaço que lhes foi reservado e ao transferir para as condições econômicas, sociais e políticas de Vila Rica a responsabilidade total pelo evento que de fato foi muito localizado, desapareceu o que havia de impreciso na versão primitiva apoiada num transfundo histórico despistador; abrangente da totalidade de Minas Gerais. Não existindo conveniência política – e até mesmo possibilidade – do desmonte do Panteão, o tratamento privilegiado que se dispensou a Tiradentes, com ênfase no seu incontestável heroísmo, viu-se relativizada a importância dos demais inconfidentes, que ficaram recolhidos à vala comum. Ao não levar em conta pronunciamentos de pouca consistência que insistem em contrapor a Inconfidência a levantes de restrita importância regional ou desconsiderar o esforço de estudiosos que insistem em tentar querer desqualificar Silva Xavier; a exposição inaugurada em 2006, no seu todo, assumiu inequívoca atitude ideológica e crítica ao se enveredar na direção que julgou mais acertada. A homenagem prestada a Marília de Dirceu e Bárbara Eleodora, chamando a atenção para o quadro romântico mais tradicional da Inconfidência definido pela participação de poetas apaixonados e suas musas, contrasta no mesmo ambiente com a presença de João Rodrigues de Macedo, representado por meio da apresentação do mobiliário. Simulando uma das reuniões conspiratórias ocorrida na Casa do Contrato, acabou sendo uma estratégia exposicional que possibilita ao visitante a avaliação crítica da realidade da Inconfidência, como recomenda a moderna museologia.

A tese revela Rafael Alves como um estudioso de muita qualidade. Pequenos cochilos poderão ser eliminados no trabalho, se a intenção for de publicá-lo. O relógio de Tiradentes é incontestavelmente verdadeiro. Sua descrição e numeração coincidem com as dos autos de sequestro de bens. O boticão nunca foi sugerido como tendo sido por ele utilizado. Segundo proposta da Sociedade Brasileira de Odontologia, que desejou trocá-lo por qualquer peça que fosse de interesse para o Museu, trata-se do mais antigo exemplar existente no Brasil. A informação de que dom João VI tenha criado o Museu Histórico Nacional não procede. Essa instituição foi constituída por Gustavo Barroso em 1822. O rei português deu origem ao Museu Nacional, no alto da Quinta da Boa Vista, grande centro de pesquisa hoje pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RUI MOURÃO

AGENDA

Sala Manoel da Costa Athaide, Anexo I **Esculturas de Alfredo Ceschiatti**

Visitação: terça-feira a domingo, das 10 às 18h, até 26 de julho de 2015.

Mostra com protótipos em bronze, em sua maioria, utilizados como estudo para a confecção posterior de obras definitivas. Vários deles originaram as famosas esculturas de Alfredo Ceschiatti em espaços públicos de Brasília, feitas a convite do arquiteto Oscar Niemeyer. O belo-horizontino, com predileção pela figura humana, é conhecido por sua plástica modernista e obras de destaque, como a Justiça, em frente ao Supremo Tribunal Federal, na Praça dos Três Poderes, em Brasília. Entrada gratuita.

Estação Central da Companhia Brasileira de Trens Urbanos – CBTU

Ouro Preto Distritos: Memória e Identidade

Visitação: diariamente, das 5h15 às 23h, até 31 de maio de 2015.

Exposição de banners do Museu da Inconfidência que apresentam as tradicionais festas religiosas do interior de Minas Gerais. O evento, na estação central de metrô em Belo Horizonte, faz parte da programação da 13ª Semana Nacional de Museus, cujo tema é *Museus para uma sociedade sustentável*. Entrada gratuita.

Agradeço o envio do Isto É Inconfidência. Destaco a matéria O Museu que acabou se encontrando, de autoria do diretor, Rui Mourão. O texto, além de muito informativo, situa brilhantemente a Inconfidência em seu panorama histórico.

CARLOS ROBERTO BRANDÃO
PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS

Moro em Leopoldina, MG, e recebo com muito entusiasmo o Isto É Inconfidência, desde 1990, quando fiz uma exposição individual na Sala Manoel da Costa Athaide. É leitura que sempre me prendeu, pois são artigos muitíssimos interessantes e muito pertinentes, não só para quem esteja ligado diretamente às artes, mas para todo cidadão.

PAULO ROBERTO LISBOA | PROFESSOR DA ESCOLA GUIGNARD, UEMG

O Museu da Inconfidência, apesar do nome não chamar a atenção para isto, possui uma das coleções mais legais que já vi de móveis e outros objetos utilizados nos interiores domésticos do nosso período colonial.

CARINA PEDRO | DESIGNER DE INTERIORES

Agradecemos o envio do Isto É Inconfidência, parabenizando todos os envolvidos pela iniciativa da publicação.

EQUIPE DA SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM SERGIPE
VIA E-MAIL

Museu organizado e arrumado. Objetos muito bonitos e bem conservados, contando a emocionante história dos inconfidentes.

S. RIETH | DE PORTO ALEGRE, RS, VIA TRIP ADVISOR

Museu que conta a história do Brasil colonial com sua opulência até o Império. Magnífico. Organizado na sua museografia por um técnico francês, nada deixa a desejar se compararmos com grandes museus europeus. Peças lindíssimas, assim como as pinturas. A evolução da história, mostrada nas peças dispostas em imensas vitrines, dispensa a leitura de um livro de história. Nota dez.

CONNIE | DE BELO HORIZONTE, MG, VIA TRIP ADVISOR

Bonito por fora e por dentro, vale a visita.

WESLEY ALDIVINO | DE NOVA FRIBURGO, RJ, VIA TRIP ADVISOR

Lindos museu e arquitetura. Vale a visita. Autoexplicativo.

FLÁVIA SOARES MARTINS
DE SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO, MG, VIA TRIP ADVISOR

A visita ao Museu é válida, a começar pela estrutura que oferece muita tranquilidade para os visitantes. Faz-se uma viagem muito interessante pela história do nosso país no período colonial. Muito organizado, recomendo.

WILLIAN T. | DE MARIANA, MG, VIA TRIP ADVISOR

Encontra-se organizado e bonito. Seu acervo é fenomenal. A história do Brasil fica cara a cara com os visitantes. Adorei! Meus filhos também, porque tiveram uma aula de história inesquecível.

THELIO FARIAS | VIA TRIP ADVISOR

Muito bem organizado em um prédio histórico imponente. É um passeio rico em informações, que faz aprender e relembrar a história. Em uma cidade histórica, é uma visita necessária!

LUZIANIA B. | DE FORTALEZA, CE, VIA TRIP ADVISOR

Local bem conservado, bem explicado. Os guardas são bem informados e fazem as vezes de guia turístico.

VIVIANE J. | GOIÂNIA, GO

Estive no Museu da Inconfidência pela segunda vez, para rever com mais detalhes as obras de arte sacra e os objetos, documentos e demais peças históricas da época. São de indiscutível importância para a história do nosso país. Gostei de voltar a tão interessante Museu, pelo seu enorme valor.

MARIA NELCI | DE ARACAJU, SE, VIA TRIP ADVISOR

Adorei o museu. Se eu voltar a Ouro Preto, visitarei novamente. O lugar e a história são muito ricos. Fiquei encantada e senti arrepios observando e sentindo aquilo tudo. Foi um misto de muitas emoções. Recomendadíssimo.

THAÍST. | DO RIO DE JANEIRO, RJ, VIA TRIP ADVISOR

São muitas as informações e estórias que envolvem este Museu. Recomendo para crianças que estejam estudando o tema. É uma imersão e tanto.

ADRIANA W. | DE SÃO PAULO, SP, VIA TRIP ADVISOR

Impossível visitar o Museu e não se emocionar com a história da cidade contada ali, as vestimentas do clero, as imagens históricas e as lembranças da escravidão.

ALÊ ARAÚJO | DE VITÓRIA, ES, VIA TRIP ADVISOR

O museu é impressionante, pois tem objetos diversos de vários períodos da história do Brasil. Vale muito a visita!

ELISA C. | DE BRUSQUE, SC, VIA TRIP ADVISOR

Um dos museus mais importantes e bonitos da história do nosso país. Vale a pena conhecer. A sentença de Tiradentes me impressionou pela crueldade.

ALEXANDRE B. | VIA TRIP ADVISOR

Grata surpresa, com peças e objetos da época do ouro e um pouco de história da Inconfidência Mineira. Pela riqueza de objetos e boa organização, torna-se uma visita bem interessante.

TATIANA V. | VIA TRIP ADVISOR

Para o público geral, o Museu é uma boa amostra que comprova nossa constante busca por direitos e liberdade. Vale a visita.

PEDRO OSCAR | DE CRICIÚMA, SC, VIA TRIP ADVISOR

Sem dúvida, um dos poucos lugares que nos permitem vivenciar parte da história do país. O Museu é um local bem estruturado, com peças muito bonitas que nos transportam no tempo. Este é o lugar que todo brasileiro deve conhecer e visitar pelo menos uma vez na vida. Visitei pela segunda vez e sempre fico maravilhado.

FELIPE DEL CAST | DE JUNDIAÍ, SP, VIA TRIP ADVISOR

É impressionante! É um orgulho brasileiro a preservação da história da nossa inconfidência mineira retratada nesse Museu. Belíssimo.

MARTINS NETO | DE SÃO PAULO, SP, VIA TRIP ADVISOR

O Museu se destaca pela preocupação com os detalhes, como o uso de recursos de multimídia. Vale visitar.

XANDE ROSA | DE PORTO ALEGRE, RS, VIA TRIP ADVISOR

Muito legal passear e descobrir coisas sobre a Conjuração Mineira. Tudo muito limpo e organizado. Uma aula de história bem acessível.

THIAGO P. | DE BOM JESUS DO ITABAPOANA, RJ, VIA TRIP ADVISOR

Visita ao passado tão presente. O Museu tem peças de arte e relíquias de valor incalculável, tanto financeira como emocional.

WEDJA SUELY S. | DE OLINDA, PE, VIA TRIP ADVISOR

Lugar excepcional. Muito lindo lembrar e reviver uma época passada.

PLÍNIO M. | DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, ES

Fotografias

A exposição *Fotografia em Ouro Preto no Século XIX*, em cartaz nos meses de abril e maio, trouxe à Sala Manoel da Costa Athaide imagens que evidenciam a relevância para a história dessa atividade. De 1845 a 1900, a cidade recebeu o maior número de fotógrafos em Minas Gerais. Eles trabalhavam tanto de forma itinerante como em ateliês permanentes. A iniciativa foi do projeto *Itinerâncias – a expansão da fotografia em Minas Gerais no século XIX*, que objetiva estimular reflexões sobre a história da fotografia no estado.

Novo presidente do Ibram

O novo presidente do Ibram, Carlos Roberto Brandão, foi empossado em 25 de fevereiro. O ex-diretor do Museu de Zoologia da USP substituiu Angelo Oswaldo, que presidiu o Ibram de julho de 2013 a dezembro de 2014, deixando o posto para assumir a Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.

Quem canta um conto

O Setor Educativo do Museu da Inconfidência inaugurou o projeto *Quem canta um conto*, direcionado a grupos escolares, com o objetivo de trabalhar a memória musical. A ação estimula as crianças a compreender a música como objeto de memória, tanto na perspectiva material quanto na imaterial. Para isso, são abordados temas do congado mineiro e da história de Chico Rei. Agendamentos através do e-mail educativodomuseu@gmail.com ou do telefone (31) 3551-1378.

Meu Museu Imaginário

Outro projeto oferecido pelo Setor Educativo do Inconfidência é *Meu Museu Imaginário*, voltado a

crianças de oito a 10 anos de idade. O objetivo é trabalhar, de forma lúdica e criativa, noções de coleção e de museu. A atividade, realizada na Casa do Pilar, anexo III, é gratuita. Agendamento pelo telefone (31) 3551-1378, com Paula ou Tamires, ou através do e-mail educativodomuseu@gmail.com.

Hora do Planeta

Como tem feito nos anos anteriores, o Museu da Inconfidência participou, no dia 28 de março, da Hora do Planeta 2015 – ato simbólico que chama a atenção para as mudanças climáticas. Milhares de cidades, empresas e pessoas apagaram as luzes à noite, durante uma hora, em alerta global. A iniciativa é da Rede WWF e conta com a adesão de inúmeros países.

Portal da Inconfidência

Está disponível na internet, desde abril, o Portal da Inconfidência. (portaldainconfidencia.iof.mg.gov.br) O site contém 5,5 mil páginas digitalizadas dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, contando com moderno sistema de busca. A iniciativa é do governo mineiro, via Imprensa Oficial (IOMG), e permite ainda acesso a teses de doutorado e dissertações de mestrado, além de bibliografia sobre a conspiração. O material foi formatado pelo Arquivo Público Mineiro, a partir dos onze volumes existentes na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Som dos Sinos

O Projeto *Som dos Sinos*, lançado no início de maio, promove a cultura da linguagem dos sinos por meio de plataformas multimídia e aplicativos de celular. O objetivo é mudar a forma com que moradores e visitantes se relacionam com o toque dos sinos

e o ofício do sineiro, bens culturais ainda mantidos em diversas cidades do interior mineiro, registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Há mais de 40 tipos de toques de sinos. De acordo com a quantidade e ritmo das badaladas, os moradores sabem o que acontece na cidade. Horários de missa, trabalho, procissões, informação de mortes. A iniciativa das documentaristas Marcia Mansur e Marina Thomé é uma multiplataforma. A proposta mais inovadora é o lançamento de aplicativo para celular que funciona como áudioguia a céu aberto, no qual o usuário pode escutar diversos toques de sinos com GPS de localização para igrejas em nove cidades de Minas Gerais.

Publicações Online

O Ibram tem três novas publicações disponíveis para consulta ou download gratuito em www.museus.gov.br/ibram-publicacao. *Museus e a Dimensão Econômica: da Cadeia Produtiva à Gestão Sustentável* apresenta os resultados do primeiro estudo sistêmico da cadeia produtiva dos museus brasileiros, realizado entre 2007 e 2013. *Encontros com o Futuro: Prospecções do Campo Museal Brasileiro no Início do Século XXI*, foi desenvolvido em conjunto com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Aponta tendências do campo museal brasileiro a respeito de temas que permitam inferir possibilidades de atuação nos próximos 10 anos. Outra publicação trata da relação entre turismo e cultura. Desenvolvido pelo Ibram, em parceria com o Ministério do Turismo, *Museus e Turismo* permite identificar possibilidades de diálogo e inovação nos dois campos. Traz dicas sobre como as áreas de museu e do turismo podem funcionar em apoio mútuo.